

MECA: A MORADA DA CASA DE DEUS

Thiago Damasceno Pinto Milhomem

Meca é o centro espiritual dos cerca de 1,8 bilhão de muçulmanos do mundo. Localizada no atual Reino da Arábia Saudita, Meca é a principal cidade sagrada do Islâm, estando acima das outras duas urbes mais santas para a religião islâmica: Medina e Jerusalém. Por que Meca é tão relevante? Desde muito antes do nascimento do Islâm (século VII), Meca desfrutava de sua posição geográfica privilegiada para o comércio, estando próxima da famosa Rota da Seda e sendo encruzilhada das duas principais rotas comerciais árabes em direção à Mesopotâmia e ao litoral do Mediterrâneo: a Rota do Hījāz e a Rota do Najd. Tal característica fazia de Meca uma cidade cultural e religiosamente muito rica, por onde transitavam árabes politeístas, árabes cristãos e judeus. A vida religiosa dessas comunidades girava, pelo menos até certo tempo, em torno do principal santuário da Península Arábia desde antes do Islâm, a Caaba, também conhecida como “A Casa de Deus”.



A palavra aportuguesada “Caaba” vem do árabe “Ka‘aba”, que significa, literalmente, “Cubo”. A Caaba é um templo de granito em formato cúbico com quatro cantos, cada um direcionado para um ponto cardinal. Atualmente, ela tem 15 metros de altura e laterais de 10 metros e 12,5 metros e está coberta por um tecido preto com alguns adornos, estando no centro da Mesquita Sagrada, em Meca. Os árabes politeístas adoravam a deuses como Hūbal e às Filhas do Tempo ou do Destino: Al Lāt (A Deusa), Al ‘Uzzah (A Poderosa) e Manāt. Também adoravam a Allāh (Deus), entendendo-o não como Deus Único, mas como o Deus do Céu ou Deus Criador. Árabes cristãos e judeus também adoravam a Allāh, mas como Deus Único, por isso essas duas comunidades peregrinavam até a, a Caaba, que era devotada a Deus. Contudo, tais peregrinações foram suspensas quando os politeístas consagraram a Caaba a Hūbal, divindade importada do povo nabateu no século II d.C. Tal consagração também incomodou os ḥunafā’, árabes seguidores do chamado “monoteísmo puro” ou “monoteísmo ortodoxo”, “ḥanīf” em árabe. A espiritualidade desses crentes monoteístas remetia às memórias de Abraão e de seu filho primogênito Ismael, entendidos não só como profetas, mas também como os construtores da Caaba sob ordens de Deus.

Assim, quando Muḥammad Ibn ‘Abdullāh (570-632) - mais conhecido em língua portuguesa como “Maomé” - recebeu suas primeiras revelações divinas por meio do anjo Gabriel em 610 e começou suas primeiras pregações públicas em 612, reafirmando a sacralidade da Caaba, os árabes já conheciam as narrativas sacras acerca de Abraão e da Caaba, narrativas essas que passaram a fazer parte do credo islâmico. Por isso o Alcorão, principal livro sagrado dos muçulmanos, exorta em vários momentos a sacralidade da Casa de Deus, sua construção por Abraão e Ismael e a convocação à peregrinação a essa localidade santa.

Podemos encontrar essa narrativa nos versículos 26 e 27 do capítulo 22 do Alcorão, intitulado A Sura da Peregrinação, revelada/registrada em Medina e dirigida aos muçulmanos.

"E quando indicamos a Abraão o lugar da Casa, e ordenamos-lhe: “Nada associes a Mim, e purifica Minha Casa para os que a circundam e para os que, nela,

DAMASCENO, Thiago P. M. MECA: A MORADA DA CASA DE DEUS. *Cidades Épicas*. In: *Sacralidades Medievais* (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>



oram de pé e para os que se curvam e para os que se prosternam. E noticia aos homens a peregrinação” [...] (ALCORÃO, 2005, p. 537).

Também está a seguinte exortação no versículo 125 do capítulo 2, A Sura da Vaca, também revelada/registrada em Medina para os muçulmanos:

"E lembrai-vos de quando fizemos da Casa lugar de visita e segurança para os homens e dissemos: “Tomai o Maqãm de Abraão por lugar de oração”. E recomendamos a Abraão e a Ismael: “Purificai Minha Casa para os que a circundam e para os que estão em retiro e para os que se curvam e se prosternam” (ALCORÃO, 2005, p. 33).

Desse modo, respondendo de forma direta à pergunta do início do texto, Meca é a maior cidade sagrada do Islãm porque foi palco das primeiras revelações e pregações do Profeta Muḥammad e, principalmente, porque sempre foi morada da Caaba, centro espiritual para onde convergem peregrinos desde tempos imemoriais.

Antes da pandemia do COVID-19, milhões de peregrinos muçulmanos iam à cidade todo ano para realizarem dois importantes rituais direcionados a Caaba: a Pequena Peregrinação (‘umra) e a Grande Peregrinação (ḥajj). Enquanto que a ‘umra pode ser feita em qualquer época do ano, o ḥajj só pode ser realizado décimo segundo e último mês do calendário islâmico, dūl ḥijja, entre os dias 7 e 12 ou 13. Sendo um dos cinco pilares do Islãm, o ḥajj é obrigatório para todos os muçulmanos com condições financeiras e de saúde para fazê-lo, pois o mesmo requer do fiel não somente esforços espirituais, mas também físicos.

A relevância religiosa de Meca a coloca, historicamente, junto com outras cidades épicas do Medievo, como Medina, Jerusalém e Roma. Esses centros espirituais são de suma importância para compreendermos partes consideráveis da história.

Para saber mais

ALCORÃO. Português-árabe. Tradução do sentido do Nobre Alcorão para a língua portuguesa. Tradução e notas explicativas: Doutor Helmi Nasr. Medina: Complexo do Rei Fahd, 2005.

Disponível em: Tradução do sentido do Nobre Alcorão para a língua portuguesa (islambr.com.br)

ARMSTRONG, Karen. O Islã. Tradução: Anna Olga de Barros Barreto. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LINGS, Martin. Muḥammad: a vida do Profeta do Islãm segundo as fontes mais antigas. Tradução: Cléris Nogueira, Luiz Pontual, Sérgio Rizek. São Paulo: Attar, 2010.

DAMASCENO, Thiago P. M. MECA: A MORADA DA CASA DE DEUS. *Cidades Épicas*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>